

Bons resultados

A pecuária brasileira transforma investimentos e pesquisa em crescimento e divisas

PAULO SÉRGIO MUSTEFAGA

A produção brasileira de carne bovina em 2002 está estimada em 7,15 milhões de toneladas em equivalente carcaça, o que representa um crescimento de 3,6% sobre o resultado de 6,9 milhões de toneladas registrado em 2001. As exportações do setor devem alcançar US$1,1 bilhão, registrando aumento de 7% em relação a 2001, com embarques de aproximadamente 1 milhão de toneladas em equivalente carcaça (+16%). O bom desempenho das exportações nos últimos quatro anos vem exercendo um papel fundamental para o escoamento de excedentes da produção, contribuindo para a manutenção do equilíbrio do mercado interno. Em 2002, as exportações deverão representar aproximadamente 14% da produção doméstica.

Segundo dados de *Indicadores pecuários*, editado pela Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA), o valor bruto da produção do segmento de carne bovina, que representa a receita bruta dos produtores, deverá fechar o ano de 2002 em R$21,9 bilhões, registrando crescimento de 1,6% sobre o resultado de 2001. A pecuária de corte é o setor de maior expressão econômica da agropecuária brasileira.

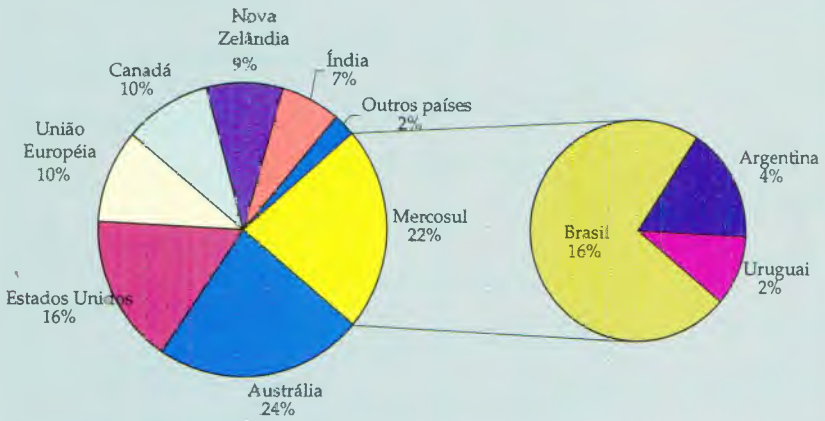
Apesar da concorrência de Argentina e União Européia no comércio internacional de carne bovina – países que estiveram praticamente fora do mercado em 2001 em conseqüência de problemas sanitários em seus rebanhos: febre aftosa e encefalopatia espongiforme bovina – EEB ou doença da vaca louca –, o Brasil conseguiu aumentar as exportações do produto em 2002, favorecido pela abertura de novos mercados como China e Rússia. No entanto, os preços em dólares de exportação da carne bovina estiveram menores em 2002, em decorrência da maior oferta do produto no mercado internacional e da desvalorização cambial no Brasil e na Argentina, que acirrou a concorrência e proporcionou maior poder de barganha por parte dos importadores, que passaram a pressionar por menores preços. De janeiro a novembro de 2002 os preços médios de exportação de carne bovina *in natura* tiveram queda de 9,3% em relação ao mesmo período de 2001, passando de US$2.013 para US$1.993 a tonelada. Os exportadores brasileiros têm obtido ganhos em moeda nacional devido à valorização do dólar este ano. Entre agosto e novembro de 2002, a moeda norte-americana teve uma valorização média de 32% sobre o mesmo período de 2001. No acumulado de janeiro a novembro de 2002, o dólar acumulou alta de 22% sobre os primeiros 11 meses do ano anterior.

Para o bom desempenho das exportações do setor em 2002, os avanços no campo sanitário tiveram importante papel, com a manutenção de zonas livres de febre aftosa com vacinação e a implantação do Sistema Brasileiro de Identificação e Certificação de Origem Bovina e Bubalina (Sisbov), regulamentado em janeiro de 2002 pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa). A partir do mês de julho de 2002, as exportações de carne bovina para a União Européia passaram a receber o certificado de origem, possibilitando o rastreamento dos produtos exportados. O Programa de Promoção da Carne Bovina Brasileira no Exterior – Brazilian Beef –, com o apoio da Agência de Promoção de Exportações (Apex), também foi fundamental para consolidar a posição brasileira no mercado mundial e conquistar novos mercados.

Mercado externo

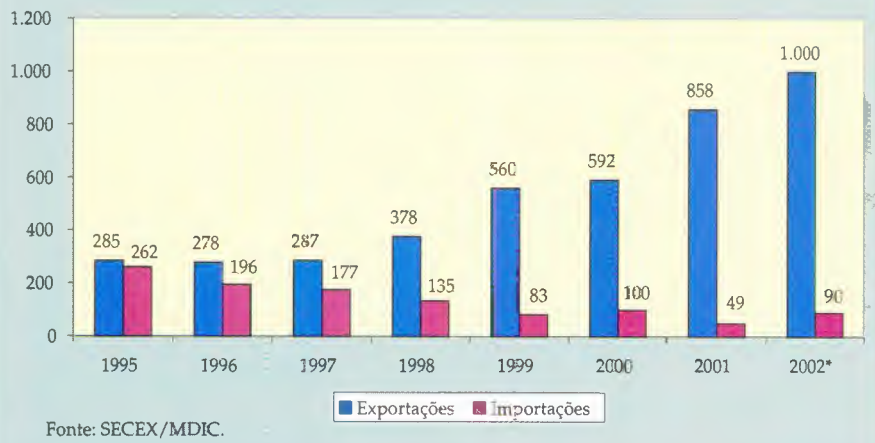
Estimativas da FAO (Food and Agriculture Organization of the United Nations) e do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (Usda) apontam para uma recuperação do consumo e das exportações mundiais de carne bovina em 2002, após as pressões negativas sobre o mercado em 2001, causadas principalmente por problemas sanitários

1. Exportações mundiais de carne bovina - 2002*
(6 milhões de toneladas em equivalente carcaça)



Fontes: USDA; CNA (Brasil).
* Previsão.

2. Brasil - exportações e importações de carne bovina
(Mil toneladas em equivalente carcaça)
1995 a 2002



Fonte: SECEX/MDIC.
* Previsão.

em dois grandes blocos consumidores – União Européia e Japão. Estima-se um aumento de 4,5% nas exportações mundiais do produto em 2002, que devem alcançar aproximadamente 6 milhões de toneladas.

O Brasil deverá ocupar cerca de 16% das exportações mundiais de carne bovina em 2002, com volume da ordem de 1 milhão de toneladas. A Argentina, nosso maior concorrente, deverá vender 230 mil toneladas, 3,8% das exportações mundiais, e o Uruguai deve embarcar 139 mil toneladas, correspondentes a 2,3%. Com isso, o Mercosul participará com 21% das vendas internacionais de carne bovina, com 1,3 milhão de toneladas em equivalente carcaça, aumentando em um ponto percentual sua participação em relação a 2001 (gráfico 1). No ano passado, as exportações de carne bovina da Argentina somaram 163 mil toneladas e as do Uruguai 144 mil toneladas.

Embora houvesse uma crise mundial no comércio de carne bovina em 2001, provocada pelos problemas sanitários nos rebanhos de grandes produtores e exportadores, como a Argentina e a Europa, o Brasil pôde expandir consideravelmente suas vendas externas, passando a ocupar importante parcela do mercado que deixou de ser abastecido por esses países. Este ano, entretanto, o mercado está com maior oferta do produto, o que dificulta o crescimento das exportações brasileiras, a despeito da recuperação do consumo mundial. Os países afetados pela crise tomaram diversas medidas para solucionar os problemas de febre aftosa e de EEB para voltar a vender no mercado externo.

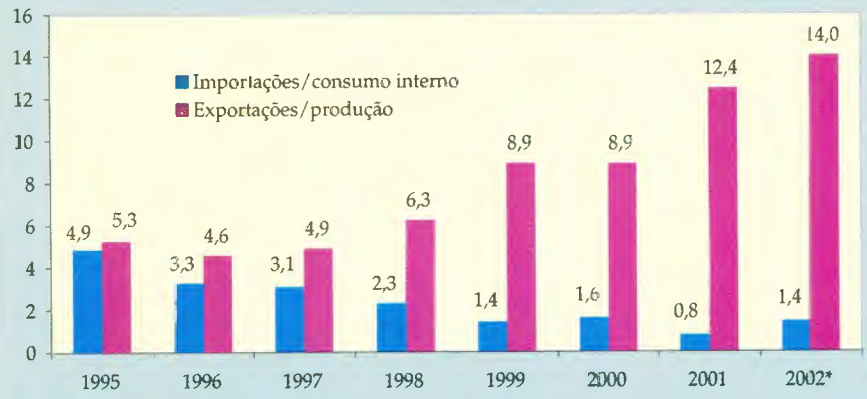
A União Européia também tem brigado para reconquistar sua posição no mercado internacional, especialmente no Leste europeu e Oriente Médio, cujas compras se reduziram sensivelmente a partir do final do ano 2000, como reação aos problemas sanitários. De acordo com as projeções do Usda, a União Européia deverá aumentar suas exportações em 20% este ano, para 638 mil toneladas em equivalente carcaça, tendo a Rússia como principal destino. Em 2001, as vendas de carne bovina da União Européia para a Rússia somaram 327,6 mil toneladas. Entre 1999 e 2001 as exportações de carne bovina do bloco europeu acumularam queda de 42,6%. A produção também deverá crescer na União Européia este ano em 3%, para 7,2 milhões de toneladas. O consumo deve aumentar 5%, com 7,1 milhões de toneladas, recuperando-se do nível de 2001, que foi o mais baixo dos últimos seis anos.

Desempenho recente da pecuária brasileira

A partir de meados da década de 90, a pecuária brasileira vem experimentando significativos avanços em termos de sanidade, modernização e ganhos de produtividade, consolidando a posição do país como grande produtor e exportador de carnes. A taxa de desfrute do rebanho bovino, que era de 17,2% em 1995, passou para 20,5% em 2002, indicando a nítida tendência de aumento de produtividade da pecuária brasileira.

A produção de carne bovina teve um aumento de 32,4% de 1995 a 2002, passando de 5,4 para 7,15 milhões de toneladas em equivalente carcaça – um crescimento médio de 4,1% ao ano. As exportações do setor apresentaram crescimento ainda mais surpreendente, com aumento de 250,9%: passaram de 285 mil toneladas, em 1995, para uma

3. Carne bovina
Participação (%) das importações sobre o consumo interno e das exportações sobre a produção



Fonte: Decon/CNA.
* Previsão.

4. Brasil - Exportações e importações de carne bovina
(Milhões de dólares)
1995 a 2002



Fonte: SECEX/MDIC.
* Previsão.

previsão de 1 milhão de toneladas em 2002, o que representa um crescimento médio anual 19,6% (gráfico 2).

O aumento da produção tem possibilitado abastecer o mercado interno com a geração de crescente superávit para a balança comercial do país. O consumo *per capita* de carne bovina no Brasil está praticamente estagnado ao longo dos últimos oito anos ao redor de 35,5kg ao ano. No entanto, a partir de 1996 o Brasil passou a aumentar a geração de excedentes exportáveis e reduzir a dependência das importações para complementar o abastecimento interno. Em 1995, as exportações representavam cerca de 5% da produção, enquanto as importações somavam 5% do consumo doméstico total. Em 2002, as exportações passaram a representar aproximadamente 14% da produção, e as importações, apenas 1,4% do consumo interno (gráfico 3). As receitas com exportações subiram de US$490 milhões em 1995 para aproximadamente US$1,1 bilhão em 2002, aumentando em 125%. Neste ano, o setor contribuirá para a balança comercial brasileira com um superávit superior a US$1 bilhão (gráfico 4).

O Brasil é o segundo maior produtor mundial de carne bovina, atrás apenas dos Estados Unidos, e neste ano pode vir a ocupar a segunda posição entre os maiores exportadores mundiais, logo depois da Austrália. Além disso, com as vantagens comparativas e competitivas que possui e o imenso potencial para aumentar a produção, o país poderá se tornar em alguns anos o maior exportador mundial de carne bovina, possibilitando a geração de mais renda, empregos e divisas cambiais.

O desempenho alcançado pelo Brasil na produção e exportação de carne bovina só foi possível com o auxilio de esforços e investimentos realizados no campo da sanidade animal pelos setores público e privado. Segundo dados do Mapa, entre 1990 e 2001 foram investidos cerca de US$1,559 bilhão nas atividades de defesa sanitária animal, dos quais US$1,15 bilhão vinham do setor privado, principalmente para aquisição de vacinas, e US$409 milhões do setor público, não incluídos os gastos com salários e encargos de pessoal.

Com o avanço do Programa Nacional de Erradicação da Febre Aftosa (PNEFA), coordenado pelo Mapa e executado em parceria por governos estaduais e setor privado, os focos da doença no Brasil caíram de 2.093 para 37 entre 1994 e 2001. Os circuitos pecuários Sul, Centro-Oeste e Leste são áreas livres de febre aftosa com vacinação, reconhecidas pela Organização Internacional de Epizootias (OIE). O Brasil conta com aproximadamente 130 milhões de cabeças bovinas livres da doença, 77% do rebanho do país, espalhadas pelos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso, Goiás, Tocantins, Bahia, Sergipe, Espírito Santo, Rio de Janeiro e Distrito Federal, que podem comercializar carne bovina no mercado internacional. No mês de novembro o estado de Rondônia foi declarado zona livre de febre aftosa com vacinação pelo Mapa e recebe o reconhecimento da OIE em maio de 2003.

Perspectivas para os próximos anos

O país tem ainda pela frente o desafio de erradicar a febre aftosa nos circuitos pecuários Norte e Nordeste e manter as regiões consideradas livres da doença.

Precisa de recursos para investimentos em infra-estrutura, custeio e manutenção dos serviços de defesa sanitária, contratação de corpo técnico capacitado para realizar as ações de vigilância e fiscalização, pagamento de salários e encargos sociais. Essas medidas são fundamentais para um nível adequado de proteção do sistema produtivo brasileiro que permita assegurar crescimento econômico da atividade e geração de empregos, renda e excedentes exportáveis. Conforme cronograma do Programa Nacional de Erradicação da Febre Aftosa (PNEFA), a erradicação da doença em todo o território brasileiro está prevista para 2005, com perspectivas de antecipação desse prazo para 2004.

Para continuar avançando no crescimento da produção e aumento da participação no mercado mundial, o país precisa investir fortemente em sanidade, para que os importadores não tenham condições de exercer o acirrado protecionismo que vem sendo praticado sob a bandeira das barreiras sanitárias. Só assim o país poderá desenvolver ações para acesso aos mais importantes mercados mundiais de carne bovina, como Nafta (Canadá, Estados Unidos e México) e países asiáticos como Japão e Coréia. É essencial também dar continuidade e fortalecer o *Brazilian Beef*, valiosa ferramenta para abrir novos mercados e impulsionar as vendas externas.

A tendência de queda da produção de carne bovina nos Estados Unidos dentro dos próximos três anos abrirá oportunidades de comércio ao Brasil após o credenciamento do país para vender carne *in natura* ao mercado norte-americano, o que deve ocorrer em 2004. Atualmente o Brasil vende aos Estados Unidos apenas carne bovina em conserva ou *corned beef*. Estima-se que o Brasil receba uma cota fixa anual de 20 mil toneladas de carne *in natura* ou então seja contemplado dentro da cota de outros países, que não possuem cota específica para vender aos Estados Unidos. A cota destinada a outros países soma 64 mil toneladas anuais e pode proporcionar maiores vantagens ao Brasil. A abertura do mercado norte-americano também pode favorecer a entrada da carne brasileira em outros mercados, porque o rigoroso serviço de inspeção sanitária dos Estados Unidos para conceder autorização de exportação acaba servindo como uma garantia para quem deseje importar o produto. Para entrar no mercado de carne *in natura* dos Estados Unidos é necessário cumprir todas as exigências sanitárias daquele país, especialmente com relação a normas de segurança de alimentos, implantação de processos de análise de pontos críticos de controle (HACCP), boas práticas de etiquetagem e certificação.

No campo sanitário se incluem ainda a implementação de programas similares ao da febre aftosa para doenças como tuberculose, brucelose e raiva. Além disso, o governo e o setor privado brasileiro devem apoiar programas para erradicação da febre aftosa em países limítrofes, como Bolívia e Paraguai, tendo em vista que a presença do vírus da doença nesses países representa um risco constante.

As exportações do setor em 2002 devem alcançar US$1,1 bilhão, registrando aumento de 7% em relação a 2001, com embarques de aproximadamente 1 milhão de toneladas em equivalente carcaça (+16%).

É importante também que sejam tomadas medidas para reduzir as distorções que afetam a competitividade da cadeia da carne bovina. Embora o país disponha de sistema de produção competitivo e parque frigorífico moderno e bem aparelhado, os agentes da cadeia ainda enfrentam graves problemas relacionados ao sistema tributário do país e à concorrência desleal exercida por empresas do segmento de abate que operam na informalidade. São empresas que não cumprem com suas obrigações legais quanto aos aspectos sanitários e tributários, competindo em condições desiguais no mercado e prejudicando as empresas que operam dentro da legalidade. Além disso, não raro os produtores levam grandes prejuízos de empresas que funcionam na marginalidade ou que por elas são levadas à falência. A solução para grande parte desses graves problemas dependerá do esforço e do sucesso do novo governo para aprovar uma reforma tributária que elimine o efeito cascata e reduza a carga de impostos sobre o setor, neutralize as distorções resultantes das diferenças na cobrança de ICMS entre os estados e torne mais fácil a cobrança e a fiscalização dos tributos. É importante também uma reformulação do sistema de inspeção sanitária do país que torne mais eficiente o combate à produção informal e preserve o interesse dos consumidores.

O relacionamento entre os agentes econômicos da cadeia produtiva da carne bovina é outro ponto fraco do setor. Casos de fraudes contra produtores e falta de transparência nas vendas de animais para abate constituem-se em fator de permanente tensão no mercado. Esses problemas são agravados pela falta de parâmetros para tornar as transações comerciais entre produtores e indústrias frigoríficas mais transparentes. A formação de alianças mercadológicas e programas de qualidade são importantes ferramentas de integração da cadeia, contribuem para desenvolver o sistema de gestão da produção e melhoram o relacionamento comercial na cadeia produtiva. No entanto, ainda é muito pequena a participação das alianças no volume total de negócios do setor. É importante um sistema obrigatório de classificação de carcaças bovinas para que a cadeia produtiva tenha informações sobre a qualidade da carne vendida à população. Dessa forma é possível transmitir informações ao longo da cadeia para que os pecuaristas possam direcionar a produção, atender às preferências dos consumidores e obter melhor remuneração pela qualidade.

Paulo Sérgio Mustefaga *é economista, assessor técnico da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA).*
paulom@cna.org.br